

Uma tradução do prefácio de *Batouala. Vêritable roman nègre*, de René Maran

Danielle Grace¹

Rodrigo Ielpo²

Resumo: A tradução aqui apresentada refere-se a um prefácio que marcou de modo muito peculiar a relação entre a arte e sociedade na França da primeira metade do século XX. Tal prefácio integra o livro *Batouala. Vêritable roman nègre*, do escritor franco-guianense René Maran, que ficou mundialmente conhecido por ser o primeiro autor negro a receber o prêmio Goncourt por esta obra em 1921.

A tradução que realizamos aqui se refere a um prefácio que marcou de modo muito peculiar a relação entre a arte e sociedade na França da primeira metade do século XX. Ele integra o livro *Batouala. Vêritable roman nègre*, do escritor franco-guianense René Maran, que ficou mundialmente conhecido por ser o primeiro autor negro a receber o prêmio Goncourt por esta obra em 1921. Assim como *Batouala*, o seu prefácio, publicado na primeira edição do livro e acrescido de um breve comentário 17 anos depois³, provocou protestos ao apontar as atrocidades

1 Professora de Ensino de Francês e literaturas (DPEC/CE/UFRN), atua no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL/CCHLA/UFRN).

2 Professor de língua e literaturas de língua francesa no curso de Letras Português-francês (LEN/UFRJ), pesquisador no Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas (UFRJ).

3 Para saber mais sobre a gênese deste prefácio, recomendamos o artigo “René Maran: génèse de la première édition (1921) de *Batouala, véritable roman nègre* et de sa préface”, de Charles Scheel. Disponível em <https://journals.openedition.org/comal/7748>

da presença colonial francesa na África Central, mais precisamente, na região de Ubangui-Chari⁴.

De pais guianenses, Maran nasceu em 1887 em uma embarcação que ia da Guiana para Martinica, onde passou parte de sua infância. Aos 7 anos, se mudou para a França, na cidade de Bordeaux, para estudar em um colégio interno. Em 1909, se estabeleceu em Ubangui-Chari e lá ficou por 12 anos trabalhando como funcionário da administração colonial. Finalmente, após a publicação de *Batouala* e os conflitos causados pelo prêmio Goncourt, pediu dispensa do serviço colonial em 1937. Muitos de seus romances foram gestados neste período de estadia em terras africanas. Na sua obra poética e nos ensaios, sobretudo após seu retorno a Bordeaux, também se pode perceber alusões a esta época, sendo esta experiência um dispositivo que perpassa todo o seu projeto literário.

Na época de sua publicação, o romance protagonizou um debate polêmico sobre as atividades coloniais, que, na primeira metade do século XX, ainda vigoravam intensamente em todo o continente africano. A obra impactou, no entanto, não apenas sobre as ideologias que justificavam a prática colonial da política imperialista francesa, mas também o próprio escritor. Pode-se dizer que a reação negativa que *Batouala* provocou por ser considerado ultrajante tem consequências ainda hoje. Um dos fatores que comprovam isto pode ser identificado até mesmo no Brasil, já que nos mais de 100 anos que separam seu romance de estreia dos dias atuais, muito pouco ou mesmo nada se produziu sobre sua obra nos estudos literários em língua francesa. Percebe-se também seu apagamento no rol dos autores considerados clássicos da literatura francesa e francófona que ocupam as prateleiras das bibliotecas e livrarias nacionais.

A ideia de traduzir este prefácio surge, portanto, do desejo de (re)colocar Maran nos centros das discussões literárias dos estudos francófonos produzidos atualmente no Brasil⁵. Trata-se de uma pequena contribuição para que a pesquisa em literatura de língua francesa diversifique seu leque de possibilidades. Em termos editoriais, pouco se pode encontrar de obras do autor acessíveis ao público brasileiro, sendo as edições de sites estrangeiros a única opção legal. Além disso, apenas um romance, *Djuma, cão sem sorte*, foi traduzido no Brasil há muitos anos por

4 A partir de 1960, com sua independência, essa região ficou conhecida como República Centro-Africana.

5 Em 2021, ano do centenário de Batouala, diversas homenagens e eventos acadêmicos foram realizados no mundo francófono. No Brasil, o colóquio CLEF: René Maran e a Guianidade reuniu alguns pesquisadores do autor num evento bilíngue online. Disponibilizado em <https://www.youtube.com/playlist?list=PLXF-t6yGOsYqyf7OaPbMi0skCOKG3Tavs>

Aristides Avila, restando ainda uma extensa obra que abarca inúmeros romances, poesia e ensaio. É curioso lembrar que, no Brasil da década de 1920, Maran era uma figura conhecida da intelectualidade brasileira, que certamente podia ler a obra no original, não sendo por isso, talvez, primordial a tradução para o português⁶.

Por fim, vale destacar que ao mirar as possibilidades que se abrem com um autor como Maran pretende-se também estabelecer contato com a história e a constituição sociocultural e artística brasileira. Neste sentido, se classificar a obra de Maran a partir de categorias como literatura latino-americana ou anticolonial não parece dar conta das complexidades que a envolvem, é impossível negar que questões como a diáspora africana e a exploração colonial constituem um núcleo importante de reflexões que reverberam também na produção e nos debates que se efetivam no Brasil contemporâneo.

6 A esse respeito, recomendamos o artigo “Ecos de René Maran na intelligentsia brasileira (1921-1955): contatos, recepção e tradução”, de Dennys Reis-Silva, *Revista Lettres Françaises* (2021). Cf. <https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/issue/view/867>

PRÉFACE

Henri de Régnier, Jacques Boulenger, tuteurs de ce livre, je croirais manquer de cœur si, au seuil de la préface que voici, je ne reconnaissais tout ce que je dois à votre bienveillance et à vos conseils.

Vous savez avec quelle ardeur je souhaite la réussite de ce roman. Il n'est, à vrai dire, qu'une succession d'eaux-fortes. Mais j'ai mis six ans à le parfaire. J'ai mis six ans à y traduire ce que j'avais, là-bas, entendu, à y décrire ce que j'avais vu.

Au cours de ces six années, pas un moment je n'ai cédé à la tentation de dire mon mot. J'ai poussé la conscience objective jusqu'à y supprimer des réflexions qu'on aurait pu m'attribuer.

Les nègres de l'Afrique Équatoriale sont en effet irréfléchis. Dépourvus d'esprit critique, ils n'ont jamais eu et n'auront jamais aucune espèce d'intelligence. Du moins, on le prétend. À tort, sans doute. Car, si l'inintelligence caractérisait le nègre, il n'y aurait que fort peu d'Européens.

Ce roman est donc tout objectif. Il ne tâche même pas à expliquer: il constate. Il ne s'indigne pas: il enregistre. Il ne pouvait en être autrement. Par les soirs de lune, allongé en ma chaise longue, de ma véranda, j'écoutais les conversations de ces pauvres gens. Leurs plaisanteries prouvaient leur résignation. Ils souffraient et riaient de souffrir.

Ah! monsieur Bruel, en une compilation savante, vous avez pu déclarer que la population de l'Oubangui-Chari s'élevait à 1.350.000 habitants. Mais que n'avez-vous dit, plutôt, que dans tel petit village de l'Ouahm, en 1918, on ne comptait plus que 1.080 individus sur les 10.000 qu'on avait recensés sept ans auparavant? Vous avez parlé de la richesse de cet immense pays. Que n'avez-vous dit que la famine y était maîtresse?

Je comprends. Oui, qu'importe à Sirius que dix, vingt ou même cent indigènes aient cherché, en un jour d'innommable détresse, parmi le crottin des chevaux appartenant aux rapaces qui se prétendent leurs bienfaiteurs, les grains de maïs ou de mil non digérés dont ils devaient faire leur nourriture!

Montesquieu a raison, qui écrivait, en une page où, sous la plus froide ironie, vibre une indignation contenue: «Ils sont noirs des pieds jusqu'à la tête, et ils ont le nez si écrasé qu'il est presque impossible de les plaindre.»

Après tout, s'ils crèvent de faim par milliers, comme des mouches, c'est que l'on met en valeur leur pays. Ne disparaissent que ceux qui ne s'adaptent pas à la civilisation.

Civilisation, civilisation, orgueil des Européens, et leur charnier d'innocents, Rabin-dranath Tagore, le poète hindou, un jour, à Tokio, a dit ce que tu étais!

Tu bâtis ton royaume sur des cadavres. Quoi que tu veuilles, quoi que tu fasses, tu te meus dans le mensonge. À ta vue, les larmes de sourdre et la douleur de crier. Tu es la force qui prime le droit. Tu n'es pas un flambeau, mais un incendie. Tout ce à quoi tu louches, tu le consumes...

Honneur du pays qui m'a tout donné, mes frères de France, écrivains de tous les partis; vous qui, souvent, disputez d'un rien, et vous déchirez à plaisir, et vous réconciliez tout à coup,

chaque fois qu'il s'agit de combattre pour une idée juste et noble, je vous appelle au secours, car j'ai foi en votre générosité.

Mon livre n'est pas de polémique. Il vient, par hasard, à son heure. La question nègre est «actuelle». Qui a voulu qu'il en fût ainsi? Mais les Américains. Mais les campagnes des journaux d'Outre-Rhin. Mais Romulus Coucou, de Paul Reboux, Le Visage de la Brousse, de Pierre Bonardi et l'Isolement, de ce pauvre Bernard Combette. Et n'est-ce pas vous, «Ève», petite curieuse, qui, au début de cette année, alors que vous étiez encore quotidienne, avez enquêté afin de savoir si une blanche pouvait épouser un nègre?

Depuis, Jean Finot a publié, dans la Revue, des articles sur l'emploi des troupes noires. Depuis, le Dr Huot leur a consacré une étude au Mercure de France. Depuis, M. Maurice Bourgeois a dit, dans Les Lettres, leur martyre aux Etats-Unis. Enfin, au cours d'une interpellation à la Chambre, le ministre de la Guerre, M. André Lefèvre, ne craignit pas de déclarer que certains fonctionnaires français avaient cru pouvoir se conduire, en Alsace-Lorraine reconquise, comme s'ils étaient au Congo Français.

De telles paroles, prononcées en tel lieu, sont significatives. Elles prouvent, à la fois, que l'on sait ce qui se passe en ces terres lointaines et que, jusqu'ici, on n'a pas essayé de remédier aux abus, aux malversations et aux atrocités qui y abondent. Aussi «les meilleurs colonisateurs ont-ils été, non les coloniaux de profession, mais les troupiers européens, dans la tranchée». C'est M. Blaise Diagne qui l'affirme.

Mes frères en esprit, écrivains de France, cela n'est que trop vrai. C'est pourquoi, d'ores et déjà, il vous appartient de signifier que vous ne voulez plus, sous aucun prétexte, que vos compatriotes, établis là-bas, déconsidèrent la nation dont vous êtes les mainteneurs.

Que votre voix s'élève! Il faut que vous aidiez ceux qui disent les choses telles qu'elles sont, non pas telles qu'on voudrait qu'elles fussent. Et plus tard, lorsqu'on aura nettoyé les subrres coloniales, je vous peindrai quelques-uns de ces types que j'ai déjà croqués, mais que je conserve, un temps encore, en mes cahiers. Je vous dirai qu'en certaines régions, de malheureux nègres ont été obligés de vendre leurs femmes à un prix variant de vingt-cinq à soixante-quinze francs pièce pour payer leur impôt de capitation. Je vous dirai...

Mais, alors, je parlerai en mon nom et non pas au nom d'un autre; ce seront mes idées que j'exposerai et non pas celles d'un autre. Et, d'avance, des Européens que je viserai, je les sais si lâches, que je suis sûr que pas un n'osera me donner le plus léger démenti.

Car, la large vie coloniale, si l'on pouvait savoir de quelle quotidienne bassesse elle est faite, on en parlerait moins, on n'en parlerait plus. Elle avilit peu à peu. Rares sont, même parmi les fonctionnaires, les coloniaux qui cultivent leur esprit. Ils n'ont pas la force de résister à l'ambiance. On s'habitue à l'alcool. Avant la guerre, nombreux étaient les Européens capables d'assécher à eux seuls plus de quinze litres de pernod, en l'espace de trente jours. Depuis, hélas! j'en ai connu un, qui a battu tous les records. Quatre-vingts bouteilles de whisky de traite, voilà ce qu'il a pu boire, en un mois.

Ces excès et d'autres, ignobles, conduisent ceux qui y excellent à la veulerie la plus abjecte. Cette abjection ne peut qu'inquiéter de la part de ceux qui ont charge de représenter la

France. Ce sont eux qui assument la responsabilité des maux dont souffrent, à l'heure actuelle, certaines parties du pays des noirs.

C'est que, pour avancer en grade, il fallait qu'ils n'eussent «pas d'histoires». Hantés de cette idée, ils ont abdiqué toute fierté, ils ont hésité, temporisé, menti et délayé leurs mensonges. Ils n'ont pas voulu voir. Ils n'ont rien voulu entendre. Ils n'ont pas eu le courage de parler. Et à leur anémie intellectuelle l'asthénie morale s'ajoutant, sans un remords, ils ont trompé leur pays.

C'est à redresser tout ce que l'administration désigne sous l'euphémisme «d'errements» que je vous convie. La lutte sera serrée. Vous allez affronter des négriers. Il vous sera plus dur de lutter contre eux que contre des moulins. Votre tâche est belle. À l'œuvre donc, et sans plus attendre. La France le veut!

Ce roman se déroule en Oubangui-Chari, l'une des quatre colonies relevant du Gouvernement Général de l'Afrique Équatoriale Française.

Limitée au sud par l'Oubangui, à l'est par la ligne de partage des eaux Congo-Nil, au nord et à l'ouest par celle du Congo et du Chari, cette colonie, comme toutes les colonies du groupe, est partagée en circonscriptions et en subdivisions.

La circonscription est une entité administrative. Elle correspond à un département. Les subdivisions en sont les sous-préfectures.

La circonscription de la Kémo est l'une des plus importantes de l'Oubangui-Chari. Si l'on travaillait à ce fameux chemin de fer, dont on parle toujours et qu'on ne commence jamais, peut-être que le poste de Fort-Sibut, chef-lieu de cette circonscription, en deviendrait la capitale.

La Kémo comprend quatre subdivisions: Fort-de-Possel, Fort-Sibut, Dekoa et Grimari. Les indigènes, voire les Européens, ne les connaissent respectivement que sous les noms de Kémo, Krébédgé, Combélé et Bamba. Le chef-lieu de la circonscription de la Kémo, Fort-Sibut, dit Krébédgé, est situé environ cent quatre-vingt-dix kilomètres au nord de Bangui, ville capitale de l'Oubangui-Chari, où le chiffre des Européens n'a jamais dépassé cent cinquante individus.

La subdivision de Grimari, ou encore de la Bamba ou de la Kandjia, du double nom de la rivière auprès de laquelle on a édifié le poste administratif, est à cent vingt kilomètres environ à l'est de Krébédgé.

Cette région était très riche en caoutchouc et très peuplée. Des plantations de toutes sortes couvraient son étendue. Elle regorgeait de poules et de cabris. Sept ans ont suffi pour la ruiner de fond en comble. Les villages se sont disséminés, les plantations ont disparu, poules et cabris ont été anéantis. Quant aux indigènes, débilités par des travaux incessants, excessifs et non rétribués, on les a mis dans l'impossibilité de consacrer à leurs semailles même le temps nécessaire. Ils ont vu la maladie s'installer chez eux, la famine les envahir et leur nombre diminuer.

Ils descendaient pourtant d'une famille robuste et guerrière, âpre au mal, dure à la fatigue. Ni les razzias senoussistes, ni de perpétuelles dissensions intestines n'avaient pu la détruire. Leur nom de famille garantissait leur vitalité. N'étaient-ils pas des «bandas»? Et «bandas»

ne veut-il pas dire «filets»? Car c'est au filet qu'ils chassent, à la saison où les feux de brousse incendient tous les horizons.

La civilisation est passée par là. Et dakpas, m'bis, maroukas, l'ambassis, sabangas et ngapous, toutes les tribus bandas ont été décimées...

La subdivision de Grimari est fertile, giboyeuse et accidentée. Les boeufs sauvages et les phacochères y pullulent, ainsi que les pintades, les perdrix et les tourterelles.

Des ruisseaux l'arrosent en tous sens. Les arbres y sont rabougris et clairsemés. À cela rien d'étonnant: la sylvie équatoriale s'arrête à Bangui. On ne rencontre de beaux arbres qu'au long des galeries forestières bordant les cours d'eaux.

Les rivières serpentent entre des hauteurs que les «bandas», en leur langue, appellent «kagas».

Les trois qui sont les plus rapprochés de Grimari sont: le kaga Kosségamba, le kaga Gobo et le kaga Biga.

Le premier se dresse à deux ou trois kilomètres au sud-est du poste, et borne, dans cette direction, la vallée de la Bamba. Le Gobo et le Biga sont en pays ngapou, à une vingtaine de kilomètres au nord-est...

Voilà, décrite en quelques lignes, la région où va se dérouler ce roman d'observation impersonnelle.

Maintenant, ainsi que disait Verlaine tout à la fin des «terza rima» liminaires de ses Poèmes Saturniens,

Maintenant, va, mon livre, où le hasard te mène.

*

Dix-sept ans ont passé depuis que j'ai écrit cette préface. Elle m'a valu bien des injures. Je ne les regrette point. Je leur dois d'avoir appris qu'il faut avoir un singulier courage pour dire simplement ce qui est.

Paris ne pouvait pourtant ignorer que Batouala n'avait fait qu'effleurer une vérité qu'on n'a jamais tenu à connaître à fond.

En veut-on une preuve entre mille? Une mission d'inspection est arrivée au Tchad dans les premiers jours de janvier 1922, c'est-à-dire au moment où les polémiques que mon livre avait provoquées battaient leur plein.

Elle aurait dû enquêter, c'était même son plus élémentaire devoir, sur les faits que j'avais signalés. Le contraire se produisit. Ordre lui fut donné de porter ses recherches ailleurs.

Cette excessive prudence ne mérite aucun commentaire.

Je n'ai eu qu'en 1927 les satisfactions morales qu'on me devait. C'est cette année-là qu'André Gide a publié Voyage au Congo. Denise Moran faisait paraître Tchad peu après. Et les Chambres étaient saisies des horreurs auxquelles donnait lieu la construction de la voie ferrée Brazzaville-Océan.

Il ne me reste, de tout ce passé si proche, que d'avoir fait mon devoir d'écrivain français et de n'avoir jamais voulu profiter de mon brusque renom pour devenir un patriote d'affaires.

Paris, le 23 novembre 1937.

R. M.

PREFÁCIO

Henri de Rénier, Jacques Boulenger, eu me consideraria um homem sem coração se, no início do presente prefácio, eu não reconhecesse tudo o que devo à benevolência e aos conselhos dos senhores, tutores deste livro.

Os senhores sabem com que ardor desejo o sucesso deste romance. Para dizer a verdade, ele não passa de uma sucessão de gravuras. Mas eu levei seis anos para perfazê-lo. Levei seis anos para traduzir o que eu tinha ouvido, para descrever o que tinha visto.

No decorrer destes seis anos, em nenhum momento cedi à tentação de dar minha opinião. Impulsei a consciência objetiva até suprimir reflexões que poderiam ser atribuídas a mim mesmo.

Os negros da África Equatorial são com efeito sem raciocínio. Desprovidos de espírito crítico, não tiveram e não terão jamais nenhuma espécie de inteligência. Pelo menos, é o que se acredita. Errado, certamente. Pois, se a falta de inteligência caracterizasse o negro, haveria apenas pouquíssimos europeus.

Este romance é, então, totalmente objetivo. Ele não procura nem mesmo explicar: constata. Ele não se indigna: registra. Não poderia ser de outra maneira. Nas noites de luar, recostado em minha espreguiçadeira, escutava, da minha varanda, as conversas dessa pobre gente. Suas brincadeiras eram a prova de sua resignação. Sofriam e riam de sofrer.

Ah! Senhor Bruel, em uma compilação erudita, o senhor foi capaz de declarar que a população de Ubangui-Chari contava 1.350.000 habitantes. Mas por que não disse que, em 1918, num pequeno povoado de Ouahm, não restavam mais do que 1.080 indivíduos dos 10.000 que haviam sido recenseados sete anos antes? O senhor falou da riqueza desse imenso país. Por que não disse que a fome ali reinava?

Entendo. Sim, que importa a Sirius que dez, vinte ou até mil nativos tenham procurado, num dia de inominável aflição, dentre os esterco dos cavalos pertencentes às aves de rapinas que se dizem seus benfeitores, grãos de milho ou de painço não digeridos, com os quais deviam preparar seu alimento!

Montesquieu tem razão quando escreve numa página, sob a mais fria ironia, onde vibra uma indignação contida: “Eles são negros da cabeça aos pés, e tem o nariz tão achatado que é quase impossível se compadecer deles.”

De todo modo, se milhares deles estão morrendo de fome como moscas é porque valorizamos seu país. Sucumbem apenas os que não se adaptam à civilização.

Civilização, civilização, orgulho dos europeus e seu ossuário de inocentes, Rabin-dranath Tagore, o poeta hindu, um dia, em Tóquio, disse o que você era!

Você constrói seu reino sobre cadáveres. Não importa o que queira ou faça, você se move na mentira. Ao ver você, as lágrimas jorram e a dor grita. Você é a força que prima sobre o direito. Não é uma chama, mas um incêndio. Tudo o que você toca é consumido.

Honra ao país que tudo me deu, irmãos da França, escritores de todos os partidos; vocês que, frequentemente, brigam por nada, se dividem com prazer, e se reconciliam de repente a cada vez que se trata de combater por uma ideia justa e nobre, a vocês eu peço socorro, pois tenho fé na sua generosidade.

Meu livro não é nada polêmico. Ele chega, aliás, na hora certa. A questão negra é “atual”. Quem quis que assim fosse? Os americanos. As campanhas dos jornais do além-Reno. *Romulus Coucou*, de Paul Reboux⁷, *Le visage de la Brousse*, de Pierre Bonardi⁸ e *Isolement*, do pobre Bernard Combette⁹. E não foi você, “Ève”, sua curiosa, que, no início deste ano, enquanto ainda era diária, realizou uma enquete afim de saber se uma branca podia se casar com um negro?¹⁰.

Desde então, Jean Finot publicou artigos na *Revue* sobre o emprego de tropas negras. Desde então, o Dr. Huot consagrou a eles um estudo no *Mercure de France*. Desde então, o Sr. Maurice Bourgeois contou, em *Les Lettres*, o martírio deles nos Estados Unidos. Enfim, no decorrer de uma interpelação na Câmara, o ministro da Guerra, Sr. André Lefèvre, não hesitou em declarar que certos oficiais franceses acreditavam que podiam se comportar, na reconquistada Alsácia-Lorena, como se estivessem no Congo Francês.

Estas palavras, pronunciadas em tal lugar, são significativas. Elas provam ao mesmo tempo que se sabe o que ocorre nessas terras longínquas, e que, até agora, não se tentou remediar os abusos, as malversações e as atrocidades que ali abundam. Assim, “os melhores colonizadores não foram os colonos de profissão, mas os soldados europeus nas trincheiras”. É o senhor Blaise Diagne que afirma isto.

Meus irmãos intelectuais, escritores da França, isto é a mais pura verdade. É por isto que a partir de agora cabe a vocês anunciar que não querem mais, sob nenhum pretexto, que seus compatriotas, ali estabelecidos, desrespeitem a nação da qual vocês são mantenedores.

Que suas vozes se ergam! É preciso que vocês apoiem quem diz as coisas como elas são, não como gostaríamos que fossem. E mais tarde, quando tivermos limpado as suburas coloniais, descreverei para vocês alguns desses tipos que já esbocei, mas que ainda conservo, por enquanto, em meus cadernos. Direi a vocês que em certas regiões, negros

7 Escritor e jornalista francês (1877-1963). *Romulus Coucou*. *Roman nègre*, como o conjunto das obras citadas neste parágrafo, integra um gênero da época que designava as narrativas sobre os povos e as regiões colonizadas, intitulado romance colonial. Interessante notar que em *Batouala*, Maran subscreve *Véritable roman nègre*.

8 Pierre Bonardi (1887-1964) foi um escritor francês e administrador colonial como Maran. Viajou pelo Benin e Nigéria.

9 Escritor francês e viajante (1880-1914), morreu aos 34 anos de uma doença tropical. Percorreu a África e a China.

10 Maran se refere a uma enquete realizada por Paul Reboux cujo título é “Nos enquete: une Blanche peut-elle épouser un Homme de couleur?”, publicada na revista *Eve*, em março de 1920.

infelizes foram obrigados a vender suas mulheres a um preço que variava entre vinte e cinco e setenta e cinco francos cada para pagar seus impostos de capitação. Direi a vocês...

Falarei, então, em meu nome e não em nome de outro; são as minhas ideias que irei expor e não as de outro. E, de antemão, tenho certeza de que os europeus que estou apontando são tão covardes que nenhum deles ousará contrapor o menor desmentido.

Pois, da grande vida colonial, se pudéssemos saber de que baixeza quotidiana é feita, falaríamos menos, não falaríamos mais. Ela se degrada pouco a pouco. Raros são, mesmo entre os funcionários públicos, os colonos que cultivam o espírito. Não têm a força de resistir à atmosfera. Habitua-se ao álcool. Antes da guerra, inúmeros eram os europeus capazes de secar sozinhos mais de quinze litros de pernod num espaço de trinta dias. Desde então, misericórdia!, conheci um que bateu todos os recordes. Quarenta e oito garrafas de whisky sem parar, aí está o que ele foi capaz de beber em um mês.

Estes e outros excessos ignóbeis conduzem os que assim se distinguem à mais abjeta indolência. Esta abjeção só pode inquietar aos responsáveis por representar a França. São eles que assumem a responsabilidade dos males de que sofrem, atualmente, certas partes do território dos negros.

É que para avançar na carreira, é preciso que eles não tenham “nenhum embaraço”. Obsedados por esta ideia, abdicaram de toda dignidade, hesitaram, postergaram, mentiram e dissiparam suas mentiras. Não quiseram ver. Não quiseram saber de nada. Não tiveram a coragem de falar. E juntando-se à sua anemia intelectual a astenia moral, sem qualquer remorso, enganaram seu país.

É para retificar tudo aquilo que a administração designa sob o eufemismo de “erros” que os convido. A luta será acirrada. Vocês enfrentarão traficantes de escravos. Será mais difícil lutar contra eles do que contra moinhos. A tarefa de vocês é bela. Ao trabalho, então, sem mais demora. A França assim o quer!

Este romance se desenvolve em Ubangui-Chari, umas das quatro colônias do Governo Geral da África Equatorial Francesa.

Limitado ao sul por Ubangui, a leste pela divisória das bacias hidrográficas do Congo e do Nilo, ao norte e a oeste pela divisória das do Congo e do Chari, esta colônia, como todas as colônias do grupo, é dividida em circunscrições e subdivisões.

A circunscrição é uma entidade administrativa. Ela corresponde a um *Département*¹¹. As subdivisões são suas subprefeituras.

A circunscrição de Kémo é uma das mais importantes de Ubangui-Chari. Se trabalhássemos nesse famoso caminho de ferro, do qual não paramos de falar mas que jamais começamos, talvez o posto de Fort-Sibut, sede administrativa desta circunscrição, se tornasse sua capital.

11 Divisão administrativa do território francês sob autoridade de um prefeito e administrado por um Conselho geral.

Kémo compreende quatro subdivisões: Fort-de-Possel, Fort-Sibut, Dekoa e Grimari. Os nativos, e mesmo os europeus, as conhecem respectivamente apenas sob os nomes de Kémo, Krébédgé, Combélé e Bamba. A sede administrativa da circunscrição de Kémo, Fort-Sibut, conhecida como Krébédgé, está situada a cento e noventa quilômetros ao norte de Bangui, capital de Ubangui-Chari, onde o número de europeus jamais passou de cento e cinquenta indivíduos.

A subdivisão de Grimari, ou ainda de Bamba ou de Kandjia, do duplo nome do rio junto ao qual se construiu o posto administrativo, está em torno de cento e vinte quilômetros a leste de Krébédgé.

Esta região era muito rica em borracha e muito habitada. Plantações de toda espécie cobriam a sua extensão. Abundavam galinhas e cabritos. Bastaram sete anos para arruiná-la por completo. Os povoados se dispersaram, as plantações desapareceram, galinhas e cabritos foram aniquilados. Quanto aos nativos, debilitados pelo trabalho incessante, excessivo e não remunerado, foram impossibilitados de dedicar aos seus próprios plantios o tempo necessário. Eles assistiram a doença se instalar em suas casas, a fome os invadir e seu número diminuir.

No entanto, descendiam de uma família robusta e guerreira, firme diante do mal, resistente à fadiga. Nem os ataques *senoussistes*¹², nem contínuas divergências intestinas tinham podido destruí-la. Seus nomes e família garantiam a sua vitalidade. Eles não eram “bandas”? E “bandas” não quer dizer “redes”? Pois é com redes que eles caçam na estação em que o fogo das queimadas incendeia todos os horizontes.

A civilização passou por ali. Edakpas, m’bis, maroukas, la’mbassis, sabangas e n’gapous, todas as tribos bandas foram dizimadas...

A subdivisão de Grimari é fértil, rica em caça e acidentada. Os bois selvagens e os javalis pululam, assim como as galinhas da angola, as perdizes e as rolinhas.

Riachos a irrigam em todos as direções. As árvores são atrofiadas e ralas. Até aí, nada de surpreendente: a floresta equatorial para em Bangui. Belas árvores são encontradas apenas ao longo das matas ciliares margeando os cursos de água.

Os riachos serpenteiam entre elevações que os “bandas”, na sua língua, chamam “Kagas”.

Os três mais próximos de Grimari são: o kaga Kosségamba, o kaga Gobo e o kaga Biga.

O primeiro surge a dois ou três quilômetros a sudoeste do posto e margeia, nesta direção, o vale de Bamba. O Gobo e o Biga estão em território ngapou, a uns vinte quilômetros a nordeste...

Encontra-se aí, descrita em algumas linhas, a região onde vai se desenrolar este romance de observação impessoal.

12 Foi um movimento reformista maliquita, fundador por Mohamed ben Ali es Senussi (1787-1859).

Agora, como dizia Verlaine ao final das “*terza rima*” liminares de seus Poemas Saturnianos,

*Maintenant, va, mon livre, où le hasard te mène*¹³.

*

Dezessete anos se passaram desde que escrevi este prefácio. O que me valeu muitas injúrias. Não as lamento de modo algum. Devo a elas o fato de ter aprendido que é preciso uma coragem singular para dizer simplesmente aquilo que é.

No entanto, Paris não podia ignorar que *Batouala* não fez senão aflorar uma verdade que jamais se quis conhecer a fundo.

Querem uma prova em mil? Uma missão de inspeção chegou ao Tchad nos primeiros dias de janeiro de 1922, isto é, no momento em que as polêmicas que meu livro havia provocado alcançavam seu ponto máximo.

Ela deveria investigar – era o seu mais elementar dever – os fatos que eu havia assinalado. Aconteceu o contrário. Foi-lhe dada uma ordem de conduzir suas pesquisas alhures.

Esta prudência excessiva não merece nenhum comentário.

Apenas em 1927, recebi as satisfações morais que me eram devidas. Foi neste ano que André Gide publicou *Voyage au Congo*. Denise Moran lançou *Tchad* pouco depois. E os congressistas foram tomados pelos horrores ocasionados pela construção do caminho de ferro *Brazzaville-Océan*.

Só me resta, de todo este passado tão próximo, ter feito meu dever de escritor francês e de jamais ter querido me aproveitar de meu repentino renome para me tornar um patriota mercenário.

Paris, 23 de novembro de 1937.

R. M.

13 Em tradução livre: *Agora, vai, meu livro, onde o acaso te leva.*

Referências bibliográficas

CLEF: René Maran e a guianidade. Junho de 2021. 30 vídeos. Disponível em <https://www.youtube.com/playlist?list=PLXf-t6yGOsYqyf7OaPbMi0skCOkG3Tavs> Acesso em 18 de março de 2022.

MARAN, René. “Préface” In. *Batouala. Véritable roman nègre*. Paris: Albin Michel, 1989.

SCHEEL, Charles W. René Maran: genèses de la première édition (1921) de *Batouala*, véritable roman nègre, et sa préface. *Continents Manuscrits* (online), V. 17, out. 2021. Disponível em <https://journals.openedition.org/coma/7748>. Acesso em 18 de março de 2022.

SILVA-REIS, Dennys. Ecos de René Maran na intelligentsia brasileira (1921-1955): contatos, recepção e tradução. *Lettres Françaises*. Araraquara: Unesp, v. I, p. 423-440. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/16525/12484>. Acesso em 18 de março de 2022.